



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Jessica Isabella Caetano dos Santos

O INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DO RACISMO OBSTÉTRICO

Rio de Janeiro

2022

Jessica Isabella Caetano dos Santos

O INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DO RACISMO
OBSTÉTRICO.

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador(a): Morgana Eneile Tavares de Almeida

Rio de Janeiro
2022

Jessica Isabella Caetano dos Santos

O INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DO RACISMO
OBSTÉTRICO

Projeto de Monografia apresentado como requisito
parcial para aprovação no Curso Técnico em
Análises Clínicas

Aprovado em 29/11/2022.

BANCA EXAMINADORA

Morgana Eneile Tavares de Almeida
EPSJV/FIOCRUZ

Fernanda Nascimento Martins
[Instituição do convidado]

Rio de Janeiro

2022

*Dedico esse trabalho a minha família, em especial
aos meus pais, minha bisavó Aparecida, ao meu avô Pedro que não está mais entre nós e ao meu
melhor amigo Willyson.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional.

Agradeço à minha orientadora Morgana Eneile, por toda a paciência, com quem compartilhei ideias e construções.

Agradeço a minha família em especial minha mãe, Maria Isabel Caetano Soares dos Santos e ao meu pai Rafael Soares dos Santos por sempre estarem ao meu lado me dando forças e acreditando no meu potencial.

Agradeço aos meus amigos por estarem sempre do meu lado, em especial o Willyson do Nascimento, meu melhor amigo e a Mariana Passos por sempre estarem dispostos a me ajudar e a me ouvir.

*Vamos começar agora
o que deveria ter sido
um século e meio
atrás. Este é só o
começo. É muito
empolgante. E antes
de tudo, não podemos
parar. (Angela Davis)*

RESUMO

Esta monografia discute o racismo obstétrico e o Instagram como instrumento de divulgação desta temática. A violência obstétrica é uma violência de gênero, que consiste no impedimento das decisões da mulher sobre o seu próprio corpo no momento do parto, resultando em lesões físicas, psicológicas e sexuais, tendo inúmeras consequências à mulher podendo ocorrer em situações de aborto. O Racismo obstétrico possui relação com a violência obstétrica e com o racismo médico, sendo este quando a raça da pessoa interfere na forma de tratamento, decisões, colocando a vida do paciente em perigo. O objetivo deste trabalho é compreender sobre o racismo obstétrico e a relação deste com a violência obstétrica em mulheres negras, entender o uso das redes sociais, em especial do Instagram, como instrumento de divulgação da temática racismo obstétrico e demonstrar as formas que o racismo obstétrico foi discutido no Instagram no período de 2011 a maio de 2022. A metodologia utilizada para realizar esta pesquisa foi a netnografia, baseada na abordagem qualitativa, onde inicialmente foi feita uma revisão de literatura por meio da busca nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, de estudos em português. Através da observação da hashtag #Racismo Obstétrico e suas variações, foram coletados e discutidos 62 perfis e 70 postagens, com 5.076 curtidas demarcando o alcance deste tema na rede.

Palavras-chave: Racismo Obstétrico, Violência Obstétrica em mulheres negras, Netnografia e Instagram.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Presença do Tema Racismo Obstétrico no Instagram.

Tabela 2- Relatos do Instagram.

Tabela 3 - Hashtags diferentes que foram usadas para falar sobre a temática.

Tabela 4 - Perfis que trataram da temática com maior número de seguidores.

Tabela 5 - Postagens com maior número de curtidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	11
CAPÍTULO 2	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A presente monografia busca compreender a utilização do Instagram como uma ferramenta de difusão de informação e visibilidade do racismo obstétrico. Estudar sobre o racismo obstétrico, a relação deste com a violência obstétrica em mulheres negras. Analisar o uso das redes sociais, em especial do Instagram, como instrumento de divulgação da temática racismo obstétrico e demonstrar as formas nas quais o racismo obstétrico foi discutido no Instagram no período de 2011 a maio de 2022.

A violência obstétrica é uma violência de gênero, que consiste no impedimento das decisões da mulher sobre seu próprio corpo no momento do parto, podendo ocorrer durante a gestação, pós-parto, com o bebê e seus familiares resultando em lesões físicas, psicológicas e sexuais, ocasionando inúmeras consequências à mulher podendo ocasionar em situações de aborto (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Segundo as autoras da Costa e Cheron (2017), a violência obstétrica possui uma característica institucional visto que está inserida dentro do sistema médico-hospitalar. Na sociedade, esta violência segue sendo vista como normal, dando a ideia de que o momento do parto é obrigatoriamente sofrido, tendo, no entanto, esse tratamento ressignificado as mulheres negras por conta do racismo, uma vez que no Brasil mulheres negras morrem duas vezes mais do que mulheres brancas durante o processo do parto (LIMA et al, 2021). A maior parte das mulheres negras ou pardas moram em áreas de periferia socialmente prejudiciais referente às mulheres de cor branca, deste modo constantemente 93,1% das mulheres negras utilizam do Sistema Único de Saúde (SUS). Puérperas de raça negra desfavorecidas economicamente alegaram maus-tratos em 26,9%, dos casos, ao contrário de gestantes brancas do mesmo estilo de vida econômico que relataram em 17,7% dos casos. Gestantes negra não possuem facilidade em

acessar o pré-natal durante o processo gestacional, somente 64% iniciam o pré-natal enquanto 79% das grávidas de cor branca iniciam o pré-natal no primeiro trimestre, somente 64,7% das mulheres de raça preta ou parda foram indicadas a consultas de pré natal, diferentemente das brancas que em sua parte foram 71,6%. Gestantes negras tendem a possuir mais morbidade e interferências ao longo do processo de gestação, a síndrome hipertensiva atinge 25,8% delas, no entanto , 15,9% das puérperas da cor branca possuem hipertensão. Observaram que mulheres pretas e pardas esperam por atendimento na rede pública mais tempo do que as mulheres brancas. No puerpério, mulheres negras têm menor auxílio e suporte para depressão pós parto relacionadas as de cor branca. Gestantes negras/pardas tiveram seu direito ao acompanhante no parto negado pelo serviço prestado na área da saúde, o conceito de equidade no SUS não abrange todos os indivíduos de raça preta ou parda, conseqüentemente violando os direitos das mulheres negras. (CARMO et al, 2021).

O Racismo obstétrico possui relação com a violência obstétrica e com o racismo médico, sendo este quando a raça do paciente interfere na forma de tratamento e decisões, colocando a vida do mesmo em perigo, o período da escravidão influenciou demasiadamente nessa forma de tratamento onde negras tinham seus corpos considerados como “supercorpos médicos”, reproduzindo as técnicas ginecológicas e obstétricas da época, mantendo a ideia de que elas aguentam mais dor do que outros grupos raciais (TEMPESTA; ENEILE, 2021) , mas não existe uma pesquisa científica que comprove isso, apenas o ponto de vista eurocêntrico e o privilégio médico que posto isso faz-se científico mesmo não tendo uma base científica. É possível considerar que esse período deixa em evidência que a população afrodescendente sempre foi prejudicada economicamente em relação a população branca, conseqüentemente o estilo de vida da população negra sempre foi desfavorável, logo sendo um fator prejudicial para a saúde desse povo (CARMO et al., 2021) . Segundo o artigo sobre racismo obstétrico:

Um dos primeiros estudos que examinou as conseqüências biológicas do racismo nos desfechos de parto foi publicado no ano 2000 (J. Collins et al. 2000) e foi sucedido por outros estudos que demonstraram que o estresse associado ao racismo pode aumentar o risco de parto prematuro (Rich- Edwards et al. 2001). (TEMPESTA; ENEILE, 2021).

A ciência contribuiu para que fosse reproduzido o racismo médico no Brasil, trazendo a hierarquização, através do excesso de medicalização do corpo feminino (LAND CURI et al, 2020). Ainda que a violência obstétrica seja uma forma de entender que a mulher é violentada no decorrer do processo de atenção à saúde da mãe, ela não leva em consideração de modo apropriado as formas que o racismo aparece nas consultas médicas das mulheres negras (TEMPESTA; ENEILE, 2021, p.757).

A divulgação da violência obstétrica tem acontecido em diversos locais, inclusive no Instagram. Hoje em dia é uma rede social online onde as pessoas compartilham vídeos, fotos, produzem conteúdos de todos os tipos para informar, conscientizar, entreter o seu público, compartilhar matérias científicas e expor suas opiniões. Ela também é utilizada como campo de pesquisa, e uma de suas ferramentas de busca são as “hashtags”, que viabilizam o achado de diversas postagens sobre o mesmo assunto desejado. A expansão e influência do Instagram em escala global viabilizou a existência de uma área da ciência social que estuda o Instagram como área de pesquisa sendo denominada de “netnografia”, oriunda da etnografia, que funciona da seguinte forma: a pessoa que está realizando a pesquisa fica no local que está sendo estudado, observa por um tempo como se constrói as relações das pessoas de um determinado grupo social, no entanto é feito um trabalho de campo (AMARAL et al, 2008).

A netnografia é uma metodologia que realiza estudos de comunicação feitos por um computador (modificação do método etnográfico). Por conta de muitos materiais de estudos serem encontrados na internet, ela acaba sendo válida como método de pesquisa (AMARAL et al, 2008), Portanto, o Instagram permite a criação de canais de comunicação que viabilizem a divulgação deste tema, e, por consequência, para que, o quanto antes, seja viável estudar a maneira como as pessoas o abordam nesta rede.

Uma em cada quatro mulheres sofrem violência obstétrica (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2020) , sendo que 65,9% das mulheres que sofrem violência obstétrica são negras e 54,1% da mortalidade materna no Brasil são de jovens pretas de 15 a 29 anos (ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL, 2020). A chance de uma mulher negra não receber analgesia no parto é 50% maior do que as mulheres brancas (LEAL et al, 2017).

A escolha deste tema se deu porque a maior parte das mulheres da minha família sofreram violência obstétrica e racismo obstétrico. Ao decorrer das falas, fui percebendo que passar por essas experiências para elas era visto como normal, sendo o parto para parte da sociedade algo que tem que ser sofrido e doloroso.

O Racismo obstétrico deve ser estudado para que as pessoas desfaçam essa ideia de que a mulher preta é ideal para dar à luz sem suporte adequado ou auxílio e para combater esse tipo de violência que pode levar à morte. O Instagram atualmente é um meio de compartilhar informações, se tornando cada vez mais uma ferramenta de divulgação e um meio de conscientização (LEMES et al, 2021). A netnografia é um método que acontece no espaço cibernético onde a forma de construir uma pesquisa entrevistando pessoas pessoalmente ou semelhante, é modificada para o formato virtual (AMARAL et al, 2008) . Sendo assim, este modelo de pesquisa é um bom instrumento para consumir menos tempo, sendo menos abstrato, para mapear as opiniões, os comportamentos e o modo que o racismo obstétrico foi discutido no ambiente virtual (AMARAL et al, 2008).

Este projeto foi baseado na abordagem qualitativa. Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, de estudos em português, tendo como referência os descritores Racismo Obstétrico, Violência Obstétrica em Mulheres Negras, Netnografia e Instagram.

Na sequência, foi feito o acompanhamento do Instagram no período de março até maio de 2022, através do recorte da hashtag #racismo obstétrico e sua utilização no período de maio de 2022, com levantamento e registro de dados e posterior leitura das informações obtidas.

Para a netnografia, durante o processo de constituição do projeto, identificamos os seguintes fatores:

- o campo que é o Instagram;
- o tema que é o Racismo Obstétrico;
- os objetos que são qualquer informação produzida neste campo sobre Racismo Obstétrico;
- a coleta e o registro das informações encontradas através de diferentes mecanismos de imagem e texto.

A forma de coleta e análise dos dados coletados nessa metodologia estabelecem quais são os elementos mais frequentes e os perfis que estão reverberando sobre a temática.

A monografia é composta por 2 capítulos, sendo o primeiro referente à discussão conceitual do Racismo Obstétrico, Violência Obstétrica e sua incidência em Mulheres Negras, bem como as redes sociais como um mecanismo de difusão e conscientização. O segundo capítulo traz o debate sobre os resultados do campo aplicado ao Instagram.

CAPÍTULO 1 - DISCUSSÃO CONCEITUAL DO RACISMO OBSTÉTRICO, VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUA INCIDÊNCIA EM MULHERES NEGRAS.

O racismo estrutural é diretamente relacionado ao fato de que mulheres negras ao longo de suas vidas sofrem com a desigualdade, por motivo de, um passado histórico não tão distante, de opressão e de negação, em destaque no que se refere aos direitos reprodutivos e ao ciclo grávido puerperal, da mesma forma que influencia o racismo institucional, que atinge diferentes circunstâncias e serviços institucionais, pelo preconceito racial de forma implícita através de ações discriminatórias baseadas em estereótipos de pessoas negras. Esse viés racial perpassa os serviços da saúde, prejudicando não somente a vida, mas a saúde reprodutiva das mulheres negras. (SILVA et al., 2022)

O racismo obstétrico é uma violência que viola as leis de direitos humanos, que possui uma extrema influência das relações baseadas no patriarcado e no viés racial e étnico. Essa opressão é considerada institucional, já que ocorre em uma instituição de saúde, causada na maior parte dos casos por profissionais de saúde que deveriam acolher, respeitar a gestante independente de sua raça, etnia e condição econômica. A violência obstétrica possui diferentes formas de ser praticada, sendo na maior parte de forma imperceptível, dificultando o reconhecimento de tal violência pelas vítimas. (SILVA et al., 2022)

Além da negligência assistencial, como por exemplo a proibição de acompanhante durante o parto, danos físicos como o uso da episiotomia sem o consentimento da gestante, mentais, verbais e o abuso sexual que fazem parte desta violência também, intervenções que não são necessárias como o uso descontrolado de ocitocina e danos no corpo ou na saúde da paciente como resultado dessa violência obstétrica causada por profissionais de saúde também são características de violência obstétrica (SILVA et al., 2022).

A episiotomia consiste num método cirúrgico onde é feito um corte entre o períneo e o anus com o intuito de acelerar o parto, este procedimento é realizado com anestésico porém em mulheres negras o uso é menor do que comparados às mulheres brancas (PONTES et al 2022) , este procedimento surgiu em 1742, apesar de ser uma técnica que não possui pesquisas científicas que comprovem os seus benefícios, ela ocorre habitualmente até os dias atuais e acontece sem a permissão da paciente (GONÇALVES 2019), uma das finalidades deste processo que não possui

evidência científica que comprove isso é impedir que ocorra lacerações de primeiro ou quarto grau (GONÇALVES 2019). De acordo com uma pesquisa de Cochrane feita em 2009:

A revisão da Cochrane de 2009 mostrou que a episiotomia pode causar resultados anatômicos insatisfatórios, como cicatrizes e assimetria, e também fístula, aumento da perda de sangue, hematoma, dor, edema, infecção, deiscência, dispareunia e custo excessivo. Comparou-se também os efeitos quando o uso da episiotomia é restritivo, com o uso rotineiro. Descobriu-se vários benefícios ao restringir a episiotomia: havia menor gravidade do trauma perineal posterior, menos sutura, menor complicação de cicatrização e nenhuma diferença no trauma vaginal / perineal grave, dispareunia, incontinência urinária ou dor (CARROLI & MIGNINI, 2009). A partir disso, o uso rotineiro de episiotomia tem sido largamente questionado por instituições nacionais e internacionais (RCOG, 2012; CNGOF, 2005; WHO, 2003). (GONÇALVES 2019, p.3)

Um dos determinantes problemas de saúde feminina é o trauma perineal, sendo um deles o trauma dado pela episiotomia, cerca de 60% das mulheres são prejudicadas com um trauma no períneo após o parto normal (GONÇALVES 2019).

O conceito de violência obstétrica é definido por consistir no impedimento de decisões da mulher sobre o seu próprio corpo e dos seus processos reprodutivos por profissionais da saúde, que alteram processos naturais do ciclo gravídico-puerperal transformando em patologias, causando danos psíquicos e físicos por práticas que não possuem fundamentos científicos, entretanto que acontecem de forma habitual. Como dito, a violência obstétrica é uma violência institucional pois ocorre em uma instituição de saúde, sendo assim os profissionais de saúde utilizam de forma inadequada o seu conhecimento técnico científico para validar uma relação hierárquica com as pacientes. (SILVA et al., 2022)

Antigamente o parto era visto como um processo natural e fisiológico, era feito em casa com amparo emocional e entendimento entre as parturientes e as parteiras, porém a partir do século XX a violência obstétrica deu origem pois o parto migrou do conforto de um lar para o hospital, onde os partos eram realizados por profissionais da saúde que em sua maior parte realizavam procedimentos sem o consentimento das mulheres, que tornaram o parto menos humanizado e mais como um procedimento de rotina que precisa acabar o mais rápido possível, tirando totalmente o protagonismo da grávida, ignorando suas necessidades físicas e mentais, com o uso desnecessário de medicalização e sem o consentimento e entendimento da parturiente, trazendo a ideia para as mesmas que o parto é um procedimento patológico, que não possuem capacidade de parir e por isso vão ao hospital. (SILVA et al., 2022)

Foi feita uma pesquisa sobre a abordagem imprópria ofertada às mulheres durante o parto, conduzida pela Organização Mundial de Saúde no ano de 2015 que dividia o conceito de violência obstétrica em 7 definições:

A violência física é relacionada à prática de intervenções ou atos danosos ao corpo da mulher, sem que haja respaldo científico suficiente para a prática desses atos, como: privação de alimentos durante a internação para trabalho de parto, restrição da deambulação da mulher, exigência da posição litotômica, tricotomia, Manobra de Kristeller, uso rotineiro de ocitocina, restrição de analgesia quando indicada. O abuso sexual é definido por ações que atingem a integridade sexual e reprodutiva da mulher e incluem: assédio, fórceps sem indicação, episiotomias imprudentes, episiorrafia com finalidade de “ponto do marido”, enema, exames de toque repetitivos e dolorosos, amniotomia precoce, estimulação do mamilo para propiciar contrações uterinas e cesariana sem indicação e consentimento. O abuso psicológico/verbal caracteriza-se por ações que causam na mulher sentimentos de inferioridade, insegurança, abandono, medo, vulnerabilidade e englobam: ameaças, gritos, ofensas, omissão de informações, linguagem pouco acessível, piadas, informações distorcidas e ignorância frente às solicitações da parturiente. A violência institucional está relacionada à restrição do acesso da mulher aos seus direitos constitucionais relacionados à assistência à saúde durante o período gestacional, parto e puerpério, por exemplo: a restrição do acompanhante em algum dos processos e a falta de recursos humanos e materiais nos serviços de saúde. A violência material é conceituada como a transformação das práticas e ações obstétricas em mecanismos de obtenção de vantagem financeira sobre as gestantes, onerando-as desnecessariamente, a partir da cobrança indevida de processos que são regulamentados como gratuitos e de direito constitucional da parturiente. Os abusos de caráter midiático são praticados por profissionais de saúde, quando estes utilizam os meios de comunicação como uma forma de divulgar práticas que não são baseadas em evidências científicas para obtenção de lucro e prestígio social. (SILVA; RABELO; ARAÚJO et al 2022 p. 13326- 13327)

25% é a porcentagem de violência obstétrica no Brasil, onde a forma mais comum desta violência é a física, que engloba exames de toques, porém isso varia de acordo com imunes fatores sociais, étnicos e culturais. (SILVA et al., 2022)

A violência obstétrica está ligada diretamente a desigualdade, conseqüentemente acaba sendo um empecilho na equidade na saúde em escala mundial, inclusive no Brasil. (SILVA et al., 2022)

A desigualdade racial e étnica na área da saúde, que afeta o acesso das mulheres negras ao seu direito reprodutivo, e impede as mulheres negras de possuírem um tratamento digno está diretamente relacionado a herança do racismo estrutural, que tem como resultado o extermínio de mulheres negras nos estágios do processo reprodutivo. (SILVA et al., 2022)

O racismo na sociedade brasileira possui o poder de causar, fortalecer e manter a desigualdade social, que visa prejudicar a imagem e a classe social de uma pessoa, intervindo na condição de vida de cada indivíduo. Esse sistema estrutural é mediado pelo viés racial implícito,

que é o modo como a pessoa inconscientemente produz ações sobre uma pessoa ou grupo social, que possui um estereótipo, como por exemplo mulheres negras, que são ligadas a falta de inteligência, de humanidade, e de capacidade de articulação política. (SILVA et al., 2022)

Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica do que mulheres brancas, 60% das mortes maternas são de mulheres negras, aproximadamente 95% das mortes podiam ser prevenidas, como: pré-eclâmpsia, eclâmpsia e hemorragias, diferentemente de mulheres brancas, onde a mortalidade materna ocorre no período gestacional, porém não possui relação direta com a gestação, o que comprova bem mais a associação entre o racismo e a violência institucional. (SILVA et al., 2022)

Em comparação com mulheres brancas, aproximadamente baixo peso ao nascer, bebês prematuros e mortalidade neonatal são duas vezes mais recorrentes em mulheres negras, o que liga esses fatos diretamente ligados ao fator de estresse psicossocial, tendo como consequência o estresse pós-traumático, medo de outros partos, imagem corporal negativa e depressão pós parto. (SILVA et al., 2022)

O objetivo do parto humanizado é contra o pensamento que restringe, coloniza e torna hierárquico o sistema de saúde, que visa favorecer o lado biomédico e técnico, gerando danos no campo psicológico e social. (SILVA et al., 2022)

Como forma de prevenção à violência obstétrica, a rede cegonha tem como função certificar-se de que as mulheres tenham acesso ao parto, o suporte necessário na locomoção para as consultas e exames pré-natais e assegurar-se de que o direito de ter um acompanhamento seja cumprido. (SILVA et al., 2022)

A formação sócio-histórica do Brasil possui uma influência muito grande sobre as formas de tratamento entre as relações na sociedade brasileira, principalmente na visão que a sociedade tem sobre as pessoas e mulheres negras, os colonizadores determinaram que são melhores a partir da diferença dos traços fenotípicos e por esse motivo as pessoas eram escravizadas e sujeitas a qualquer tipo de violência. (PONTES et al 2022)

Vale enfatizar a ciência possui uma participação crucial na forma como o racismo se desenvolveu no Brasil, sendo ela criadora da ideia de superioridade e inferioridade entre as raças com base nas características fenotípicas, porque desde o século XIX onde deram início ao uso acentuado de medicamentos no corpo feminino, logo os cientistas que estavam responsáveis por

pesquisar os fenotipos obtiveram uma visibilidade maior e foram utilizados para evidenciar as relações entre as raças (LAND CURI et al, 2020)

Compreendemos que a medicina possui influência do patriarcado, do cristianismo de forma que essas interferências modificaram a mulher, deixando de levar em consideração outros fatores que definem e explicam sua existência, resumindo-a somente a possibilidade de gerar filhos . (LAND CURI et al, 2020)

A partir dessa situação, discordâncias vem sendo tida em relação a ciência médica e o corpo das mulheres, posto que há uma relação de opressão, hierarquização de poder, domínio das mulheres.

No entanto no Brasil a igreja unida com o estado criou um modelo de mulher, baseado na fisiologia e anatomia porém baseados em interesses políticos, econômicos, morais etc, logo a consequência desses interesses foram maneiras diferentes de apropriar-se de corpos femininos, como por exemplo as formas de tratamento em relação a corpos brancos e negros (LAND CURI et al, 2020)

Com o desenvolvimento das análises feita sobre o corpo feminino, foi idealizada no continente europeu "a mulher/mãe ideal" com base na alta sociedade europeia feminina, que eram vistas como quem precisava de cuidados porém com essa ideia instaurada as mulheres negras foram extremamente sexualizadas, passaram a serem vistas como brutas e fortes (LAND CURI et al, 2020).

O corpo da mulher negra é considerado na época como um passe-livre, onde todos podiam fazer o que quisessem e esse pensamento se mantém infelizmente até o dias atuais, com isso algumas falas que são destinadas às mulheres negras possuem uma relação direta na linguagem com o racismo. (PONTES et al 2022)

Os corpos negro feminino na época escravocrata era considerado propriedade dos seus "donos", logo eram violentadas sexualmente e psicologicamente constantemente pelos os seus "senhores", infelizmente acabavam se tornando um dever delas satisfazê-los sexualmente. (PONTES et al 2022)

Ou seja, os corpos femininos eram hipersexualizados e como reflexo do passado, essa ideia das mulheres negras serem vistas como objeto sexual, e que engravidam apenas para receberem dinheiro se estende até os dias de hoje, logo se torna extremamente perigoso pois se

torna uma “justificativa” para a prática no que chamamos de racismo obstétrico, que é a violência contra as mulheres negras, baseado é ideais racistas. (PONTES et al 2022)

O aborto também é uma prática de violência obstétrica, e mulheres negras possuem 3 vezes mais risco de ir à óbito por um procedimento realizado por uma pessoa que não é especializada para realizar esta técnica do que em mulheres brancas, é importante falar sobre a falta de assistência à essas mulheres durante esse momento apesar do nosso país possuir leis que dificultam que essa prática seja realizada. O aborto é uma questão de saúde pública deveria ser um direito de toda mulher que optasse por ele ter este procedimento feito com segurança e respeito. (LAND CURI et al, 2020, p.165)

A OMS ressalta que a morte materna é um marcador social, onde é possível constatar a posição que a mulher está inserida no corpo social, no entanto é possível observar como o sistema de saúde lida com as necessidades em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Contudo é possível também observar a forma como a saúde das mulheres negras para o estado é indiferente. (LAND CURI et al, 2020)

Cerca de 62,8% dos óbitos no Brasil são de mães negras, o aborto faz parte de um dos principais fatores de mortalidade materna. (LAND CURI et al, 2020)

Em relação as experiências da mulher negra com o aborto legal ou o procedimento de curetagem:

As vivências das mulheres negras quando necessitam de um aborto legal ou de um procedimento de curetagem, para retirada os restos de um aborto clandestino mal-sucedido, revelam que elas serão, nas unidades e pelos profissionais de saúde, as maiores vítimas de abusos e maus tratos. Como nos lembra Bispo e Souza (2007), nos serviços de saúde, as práticas médicas (práticas de poder) tornam-se corriqueiras uma série de preconceitos. As agressões têm a justificativa de punir a mulher pelo que ela fez e evitar que ela faça de novo ou fazer com que ela tenha remorso pelo ato (Bispo & Souza, 2007, p. 28). (LAND CURI et al, 2020, p.165)

2 CAPÍTULO- RESULTADOS DO CAMPO APLICADO AO INSTAGRAM

Para melhor compreensão da netnografia, é necessário compreender a etnografia e a relação deste com o método netnográfico.

A etnografia é um método de pesquisa proveniente da antropologia que engloba práticas necessárias para que o cientista possa realizar o seu trabalho de campo, onde é exigido a introdução do mesmo em comunidades que serão observadas em prol da pesquisa, se inserindo de uma forma muito particular com o intuito de estudar como são construídas as relações (AMARAL et al, 2008).

A netnografia ou etnografia virtual consiste na modificação do método etnográfico, onde a pesquisa sobre como se dá a comunicação em uma determinada comunidade virtual é entreposto por um computador.

Devido muitos elementos de pesquisa serem encontrados no espaço virtual, esta técnica acaba se tornando um método qualitativo de estudo adequado.

No final dos anos 80, esse procedimento começou a ser estudado em razão do aparecimento de comunidades e redes sociais, no entanto no Brasil a quantidade de pesquisas baseadas nesta metodologia são um número reduzido, porém diversos autores confirmam que a etnografia virtual é um método confiável (AMARAL et al, 2008).

Os blogs, em seus mais variados formatos e gêneros, têm sido uma ferramenta rica para os estudos empíricos ao serem analisados a partir de perspectivas netnográfica nos últimos anos, conforme detectado por Amaral, Recuero e Montardo (2008), sejam eles de Pessoas com Necessidades Especiais (MONTARDO & PASSERINO, 2006) e nos usos e consumos de uma comunidade digital que se organizou em torno de um blog cujo tema central é a maternidade (BRAGA, 2007). Outros estudos analisam o portal jornalístico ClicRBS7 (ROCHA, 2006); o ambiente on-line dos games (SEPÉ, 2007); o Last.fm8, uma plataforma social voltada para a música (AMARAL, 2007), entre outros. (AMARAL et al, 2008, p.35-36)

A etnografia virtual precisa de alguns elementos para que seja feita a pesquisa. Nessa monografia o campo é o instagram, o tema é o racismo obstétrico, os objetos são qualquer informações produzidas neste campo sobre a discriminação social na obstetrícia, a coleta e registros de informações foram encontrados através de diferentes mecanismos de imagem e texto.

Foi realizada uma pesquisa no instagram através da #racismoobstétrico, foi feito um recorte dessa hashtag onde inicialmente foram encontradas 175 postagens, foram selecionados apenas imagens e textos, logo o número de postagens coletadas foram reduzidas e devido a uma

atualização dessa rede social houve também a perda de alguns dados, dito isto foram coletados 70 posts com a hashtag, 60 perfis que escreveram textos e postaram fotos sobre a temática, juntando todos os posts no total renderam 5623 curtidas, 476 comentários.

Tabela 1 - Presença do tema Racismo Obstétrico no Instagram.

Presença do Tema Racismo Obstétrico no Instagram	
Perfis que trataram da temática	62
Postagens sobre a temática	70
Alcance da temática em curtidas	5623

Os perfis em sua maior parte são de mães, doulas, profissionais da saúde, ginecologistas, obstetras, terapeutas, mestres em ciências da saúde, jornalistas, escritoras, coletivos, comunidades, criadores de conteúdos, equipes, educadoras perinatais, projetos voluntários para acolhimento e suporte virtual a gestantes e puérperas do RJ atendidas pelo SUS, advogadas, consultoras de amamentação, psicóloga perinatal e parental, psicoterapeuta do movimento, especialista em Direito Médico e LGPD e atua nos direitos do estado gravídico-puerperal, assistentes sociais, liga acadêmica paranaense de enfermagem, perfil criado para o projeto da disciplina Programa de Integração Saúde e Comunidade (PISC) Desenvolvido por estudantes da FADERGS.

Em sua maioria os perfis são voltados a difusão de informação relacionada a maternidade no geral e a saúde feminina, além disso a maior parte dos perfis coletados com a #racismoobstétrico são mulheres negras e brancas. Alguns perfis foram criados no intuito de falar sobre os casos de racismo obstétrico, como por exemplo o perfil @justicaporassata.

O perfil @justicaporassata foi criado com o objetivo de divulgar os atos e falar sobre a morte de Assata, uma bebe negra vítima de racismo obstétrico. Ayah Akili, mãe de Assata, após sofrer violência obstétrica por conta do racismo institucionalizado no sistema de saúde brasileiro faz uma denúncia em outubro de 2021 porém seu caso só obteve "relevância" quando ela teve que se expor nas redes sociais em fevereiro de 2022.

Analisando um dos perfis que foram coletados, percebi que o @maequadvoga, perfil de Andreza Santana, uma advogada que com o seu perfil no Instagram tem como objetivo advogar

informando sobre as leis que protegem as mulheres negras, fez uma postagem no dia 23/02/2022 sobre o relato de Ayah porém com a #justiçaporassata:

PODE SER GATILHO PARA OUTRAS PRETAS | Pensei muito em como comentar esse relato aqui porque, pra mim, foi muito duro ouvir... Um caso NÍTIDO de racismo obstétrico em que vemos que a objetificação de corpos negros e o projeto de extermínio da população negra não poupa nem bebês no ventre de mulheres pretas. Pedi permissão à Ayah para comentar um pouco sobre o relato que ela deixou no instagram dela e pediu que divulgassem - infelizmente, eu não estou vendo circular. Cortei algumas partes para destacar, mas queria que vocês ouvissem completo no perfil dela. A Ayah sofreu com vários dos estereótipos racistas existentes para mulheres negras, estereótipos sobre os quais eu falo o tempo inteiro tanto aqui nesse instagram, quanto nos cursos, palestras, eventos e rodas! Foi da “preta que tem que ser sempre forte” à “preta raivosa” por questionar sobre o que estavam fazendo com o corpo dela e da sua filha. Além disso, por ser uma mulher preta, sofreu com julgamentos de que seria alcoólatra, drogada, sem estudo e que muito provavelmente não tinha planejado a sua bebê. Pq é tão difícil para uma equipe branca imaginar que o bebê de uma mulher preta é planejado, sonhado, querido, estudado e desejado? Para eles, sempre é fruto de irresponsabilidade! Vocês imaginam uma mulher branca passando por esses constrangimentos e sofrendo com esses preconceitos? Vocês imaginam uma família branca sendo intimidada por uma equipe médica? Nenhum lugar é seguro para nós, para nossas famílias e para os nossos bebês Quando falo sobre racismo obstétrico é sobre isso aí que falo. Não é distante, não tiro de fontes da minha imaginação e está acontecendo agora, nesse exato momento, bem aí na maternidade mais perto de você! O que a Ayah e Assata sofreram é o que mulheres negras sofrem diariamente. Acontece que algumas, além de perderem seus filhos, perdem a própria vida! Nós não somos todas iguais e precisamos destacar raça e racismo também na violência obstétrica. Se você ignora isso, você é parte do problema! Se quer saber mais sobre o assunto, conheça o meu perfil. Ajudem a divulgar #justiçaparaassata (SANTANA, 2022)

Ayah durante o relato reforça que o que levou a vida de sua filha, e a violência que ocorreu com a mesma foi racismo obstétrico, que essa extrema violência não aconteceu somente porque ela é mulher e sim porque ela e sua filha eram mulheres negras.

Durante o relato, ela menciona que a enfermeira se recusou a fazer a investigação de uma infecção nela, foi constatado que ela estava com descolamento prematuro de placenta, com hemorragia e só foi descoberto depois de mais 24 horas, ela ficou 3 dias sem informações sobre se tinha resto de placenta dentro dela.

No decorrer do relato, ela diz que os médicos o tempo inteiro insinuavam que ela era alcoólatra, drogada e tabagista, quando a família dela pediu informações sobre o estado de saúde de Ayah o hospital chamou a polícia na intenção de intimidá-los, registraram no prontuário médico que Ayah era agressiva e raivosa, porque ela questionava quais medicações estavam sendo administradas e qual o motivo de serem aplicadas, se recusaram a fazer uma cesárea de emergência baseado no estereótipo que foi imposto sobre Ayah, afirmando que ela era forte por

isso aguentaria, porém não deram explicações científicas para justificar essa negligência médica que levou sua filha negra à morte dentro da barriga de sua mãe.

Ao ler os posts com a #racismoobstétrico, pude perceber que os tipos de textos variam entre denúncias, relatos das violências ocorridas durante o próprio parto, textos que informam sobre os direitos que as grávidas possuem durante a gravidez e o parto, legendas que sinalizam as práticas de racismo obstétrico.

Nos relatos de denúncia os perfis falavam sobre suas experiências, sobre a maior incidência de violência com as mulheres negras durante o parto, a falta de afeto, analgesia, cuidado, desabafos sobre como a gestação na realidade de uma mulher negra não se encaixa no momento especial já que os corpos de pessoas negras são violentados e assassinados antes mesmo de terem nascido.

Nos posts informativos eram textos que alertavam sobre os tipos de práticas de discriminação racial na área da obstetricia, o conceito de violencia obstétrica e do racismo obstétrico, sobre os mitos usados pelos profissionais da saúde para justificar as ocorrências de racismo obstétrico, sobre dados do Ministério da Saúde em relação a mortalidade materna entre as mulheres negras, legendas que são contra ao uso do termo violencia obstétrica utilizado para definir as atrocidades que ocorrem mulheres negras durante o processo gestacional, parto e pós parto, pois a mulher negra não possui seu direitos humano feridos só por ser mulher e sim por conta de sua raça, citações da autora Dána-Ain Davis onde a mesma fala sobre a medicina possuir influencia do racismo, indicações de livros e autores, muitos textos com a hashtag faziam citações ao artigo “A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil”, e a pesquisa “Nascer no Brasil - Parto, da Violência Obstétrica às Boas Práticas”, textos que mostram suas opiniões e revoltas, que falam sobre a importancia da rede de apoio, de ter um acompanhante durante o parto que esteja bem informado para que a partuerente não sofra danos físicos ou psicológicos.

Os perfis também fazem posts relacionados ao dia 25 de julho dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, falam sobre uma líder quilombola, chamada Tereza de benguela, são feitas também divulgações de debates sobre a importância de falar sobre o racismo obstétrico, textos que falam sobre a importância das divulgações de informações deste assunto.

Na tabela abaixo podemos ver o relato de, Karoline Miranda, dona do perfil @umamaefeminista expos nas redes sociais sua experiencia com o racismo obstétrico, assim como o perfil @coletivoflordealgodao fez um repost de um relato de uma mulher negra, vítima dessa discriminação racial durante o parto. Ambas sofreram com esta violência direcionada às mulheres negras, no entanto um caso ocorreu no Sistema Único de Saúde e o outro na rede privada, com isso podemos concluir que esta violência é institucional já que as duas acontecem em uma instituição e não é um problema que acontece somente no hospital público, mas também acontece em hospitais particulares onde pessoas que possuem condições financeira frequentam, vejamos que o fator econômico não é um motivo que pudesse evitar esse tipo de tratamento.

No primeiro relato é possível ver que a vítima sofreu diversos danos, entre eles psicológicos, a falta de afeto, carinho e cuidado foi o que mais afetou ela e afeta diversas mulheres negras, desde a escravidão nossas ancestrais foram vistas como objetos, como fortes, brutas, destinadas ao sofrimento e ao serviço e por isso não precisavam de suportes psicológicos e emocionais e esta ideia se perpetua até o dias atuais.

No segundo relato vimos que era desejado pela vítima um parto humanizado porém durante o acompanhamento médico vimos que a atitude da médica foi de extrema grosseria e antiética por chamar a parturiente de irresponsável e de leiga, como se ela não tivesse conhecimento, sabemos que esse tipo de visão sobre as mulheres negras principalmente as que estão grávidas é bastante recorrente.

Tabela 2- Relatos do Instagram

Relatos do Instagram	Nome dos perfis
Há 6 anos eu atravessei a porta de um hospital maternidade no SUS. Foi uma das experiências mais loucas, importantes e traumáticas da minha vida. Fui tocada sem a menor humanidade, tive a saúde do meu filho e a minha colocada em risco, não tive a minha vontade respeitada, ouvi e vi coisas que eu não tinha noção do quanto poderiam doer. Isso tudo com 19 anos. E sei que fui privada de muitas coisas porque minha mãe, meu pai e minha mãe de santo, na época, fizeram o	@umamaefeministaoficial

<p>famigerado barraco. Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica e isso é um fato. Recebemos menos anestesia, menos cuidado, menos afeto; nossas vidas são jogadas como pingue-pongue (como a minha foi), ouvimos ofensas e a experiência do nascimento passa de incrível à trágica. A saúde pública da mulher negra PRECISA ser uma prioridade na pauta. Só eu sei o que eu sofri. Só quem é mulher negra e mãe no SUS sabe o que sofre. Racismo obstétrico existe. E mata.</p> <p>#feminismo #feminismonegro #feminismobrasil #racismo #racismoobstetrico #violenciaobstetrica #violenciacontramulher #violenciaobstetrica #maternidadereal #maternidade #maternagem #saudedamulher #saudedamulher #saúdenãosevende #saúdepública #sus</p>	
<p>Sim, as mulheres negras são as maiores vítimas de violência obstétrica no país – e não só no serviço público! #Repost @criandocriancaspretas with @make_repost Minha gravidez foi muito (MUITO) difícil e ainda assim eu queria muito um parto #humanizado (e tinha plena condição de ter)... com 41 semanas de #gravidez fui ao hospital apenas para acompanhamento, porque José estava muito bem e estávamos aguardando entrar em trabalho de #parto. A médica no plantão, me tratou da pior forma possível, me chamou de irresponsável (por levar uma gravidez tão longe - sendo que eu tinha acompanhamento de 4 médicos), me chamou de "leiga" (e eu tinha total conhecimento de tudo que envolvia a minha #saúde e a de José)... Mas entre tantos absurdos que ela me disse no momento mais sensível da minha vida, uma coisa fica ecoando na minha memória - ela olhando com nojo para minhas #tranças e dizendo: "Vc vai ter que tirar isso daí da cabeça pra entrar no meu centro cirúrgico." E 1 ano antes disso, quando eu tive um #aborto e na #curetagem, o enfermeiro disse para eu parar de chorar pq "minha gente</p>	<p>@coletivoflordealgodao</p>

<p>é muito forte". E na #amamentação que outra médica rindo disse que "as negras tem leite para alimentar muitas crianças, desde sempre." E olha que tudo isso aconteceu em hospitais particulares e muito bem "avaliados". O racismo e a violência obstétrica juntos são o que há de mais cruel com uma #mulher no momento mais vulnerável de sua vida. Ter que lidar com essas situações nesse momento foi uma das maiores feridas que o #racismo fez em mim. Tudo é tão intenso na gravidez que a gente só se dá conta disso quando passa, ou pior, no #puerpério (mas esse papo a gente bate depois). Meu #RelatoDeParto que diga... CUIDEM DAS GRÁVIDAS PRETAS A-C-O-L-H-A!!! Não importa o que esteja acontecendo, olhe nos olhos dela e diga: VAI FICAR TUDO BEM... ESTAMOS COM VC! foto e texto @falandodehmais #racismoobstetrico @coletivoflordealgodao</p>	
---	--

As postagens que foram coletadas com a #racismoobstétrico possuíam em suas legendas outros tipos de hashtags como por exemplo:

Tabela 3- Hashtags diferentes que foram usadas para falar sobre a temática

Hashtags diferentes que foram usadas para falar sobre o racismo obstétrico.
#maesnegrasimportam
#feminismonegro
#maespretas
#doulaspretas
#novembronegro
#vidaspretasimportam
#gravidaspretas
#direitoasaude

#chegademortesmaternas
#racismoinstitucional

Tabela 4- Perfis que trataram da temática com maior número de seguidores

Perfis que trataram da temática com mais números de seguidores		
Nome do perfil	Endereço do perfil	Seguidores
@melania44	https://www.instagram.com/melania44/	115 mil
@padecendo	https://www.instagram.com/padecendo/	30,6 mil
@daianejoliveira	https://www.instagram.com/daianejoliveira/	7,463 mil
@sororidade.juridica	https://www.instagram.com/sororidade.juridica/	7,084 mil
@ousadiamaterna	https://www.instagram.com/ousadiamaterna/	6,312 mil

Tabela 5- Postagens com maior número de curtidas


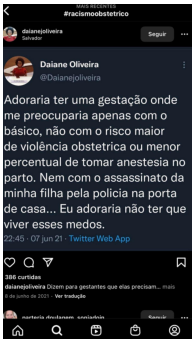
Postagens com maior número de curtidas			
Publicação	Data	Curtidas	Link da postagem
	16/06/2021	565	https://www.instagram.com/p/CQMZ_xEpBaN/?utm_source=ig_web_copy_link
	08/06/2021	386	https://www.instagram.com/p/CP34mNElcGk/?utm_source=ig_web_copy_link

Imagem 1- Print do perfil @ousadiamaterna da postagem título: Anatomia Descolonizadora!

Imagem 2- Print do perfil @danejoliveira Título: Sem título

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa foi possível concluir que o termo violência obstétrica, que é uma violência de gênero, realmente não abraça as violências que ocorrem com a mulher negra, porque a mulher negra não sofre violência somente por ser mulher mas também por conta dos fenótipos, tons de pele, estereótipos e também porque o racismo está institucionalizado na nossa sociedade.

Podemos confirmar que o racismo obstétrico, que é uma violência que ocorre dentro do sistema médico-hospitalar praticada por profissionais da saúde, possui característica institucional, que viola as leis dos direitos humanos (SILVA; RABELO; ARAÚJO et al.2022). Os profissionais de saúde devem respeitar, acolher qualquer paciente independente de sua raça, gênero, opção sexual e condição econômica.

Cerca de 60% das mortes maternas que ocorrem são de mulheres negras, dessas mortes por volta de 95% desses óbitos poderiam ter sido evitados (SILVA; RABELO; ARAÚJO et al. 2022), o racismo obstétrico e a violência obstétrica possuem diversas formas de serem feitas, em sua maior parte de forma que seja difícil de perceber pelas pessoas que não possuem informação, logo acaba dificultando o reconhecimento de que seja uma violência pela vítima.

O instagram por ser uma rede social que possui uma visibilidade muito grande acaba se tornando um meio de difusão de informações, com esta pesquisa pude perceber que este aplicativo é um bom meio de compartilhar relatos e informações, pois analisando os perfis coletados pude concluir que o instagram serve sim para divulgar informações sobre o assunto, já que os dados divulgados sobre a temática eram verídicos, pois essa violência praticada com mulheres negras durante o parto precisa se tornar um assunto que esteja em pauta pois leva as mães e filhos a morte.

Foram coletados 70 postagens no instagram relacionados ao racismo obstétrico, a partir dessa coleta foi possível observar que os perfis que fizeram a divulgação desta temática em sua maioria eram doulas, profissionais da saúde, mães, jornalistas ou escritores, os tipos de textos eram informativos, relatos de parto ou divulgação de debates de lives sobre o racismo obstétrico . Somando as curtidas e comentários dos posts no total foram 5623 curtidas e 476 comentários, infelizmente o alcance não foi tão alto porém

acredito que independente dos números a intenção de falar mais sobre essa violência é de extrema importância na nossa sociedade e na era digital que estamos vivendo.

Durante a monografia eu cito um relato sobre o parto de ayah akili onde o seu caso só se tornou “relevante” diante da justiça e da mídia quando foi feito um post com a #justiçaporassata no instagram, com isso podemos ver a importância de um movimento nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

Material da Internet

Carmo CB, Melo LC, Silva TF, Souza EM, Garcia CM. Desafios do processo gestacional de mulheres negras: uma revisão narrativa. *Femina* 2022;50(3):184-92.

Coletivo Flor de Algodão. 2020. Sem título. 21 de fevereiro de 2020. Instagram: coletivoflordealgodao . Disponível em: https://www.instagram.com/p/B81OxQ6he8u/?utm_source=ig_web_copy_link . Acesso em: 18 de novembro de 2022.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Conversando sobre Violência Obstétrica;2015. Disponível em: <https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/repositorio/41/Violencia%20> . Acesso em: 08 Mar. 2022.

LEAL, Maria do Carmo et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2017, v. 33, n. Suppl 1 [Acessado 20 Março 2022] , e00078816. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>. Epub 24 Jul 2017. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>.

Miranda, Karoline. 2020. Sem título. 15 de agosto de 2020. Instagram: @umamaefeministaoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CCqilgZDH9E/?utm_source=ig_web_copy_link . Acesso em: 18 de novembro de 2022.

LIMA, Kelly; PIMENTEL, Camila; LYRA, Tereza. (2021). Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*. 26. 4909-4918. 10.1590/1413-812320212611.3.24242019.

LEMES, Thamila, et al. “O instagram como ferramenta de divulgação científica sobre mamíferos.” Anais Da Semana de Biologia Da UFES de Vitória, vol. 2, no. 2021, 2021, pp. 22–22, periodicos.ufes.br/sebivix/article/view/34700.

Ordem dos advogados do Brasil Ponta Grossa (Paraná). “Mulheres Negras São Alvo de Dois Terços Da Violência Obstétrica No Brasil.” Ordem Dos Advogados Do Brasil, 20 Nov. 2020, site.oabpg.org.br/mulheres-negras-sao-alvo-de-dois-tercos-da-violencia-obstetrica-no-brasil/#:~:text=Os%20n%C3%BAmeros%20da%20viol%C3%Aancia%20obst%C3%A9trica. Acesso 08 Mar. 2022.

TEMPESTA, Giovana Acacia; ENEILE, Morgana. Racismo obstétrico: a política racial da gravidez, do parto e do nascimento. *Amazonica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v.12, n. 2, p. 751-778, fev. 2021. ISSN 2176-0675. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/9194>. Acesso em: 19 mar.2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v12i2.9194>.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; *As Faces da Violência Obstétrica*, 2020; Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jordi/172-violenciaobstetrica/violencia-obstetrica/#:~:text=Sofrer%20algum%20tipo%20de%20viol%C3%Aancia>. Acesso em: 18 mar. 2022.

Santana, Andreza. 2022. “O relato de Ayah e os estereótipos racistas em gestantes negras”. Salvador. 23 de fevereiro de 2022. Instagram: @maequadvoga. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CaUaMMrruZn/>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

Violência obstétrica em pessoas negras. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://www.uff.br/sites/default/files/informes/violencia_obstetrica_em_pessoas_negras_2_1.pdf. Acesso em: 25 nov. 2022.

PONTES, Ana Beatriz et al. Violência obstétrica em pessoas negras. Pró-Reitoria de Extensão, [S. l.], p. 1-37, 31 out. 2022. Disponível em:
https://www.uff.br/sites/default/files/informes/violencia_obstetrica_em_pessoas_negras_2_1.pdf.
Acesso em: 25 nov. 2022.

SILVA, J. M. et al. Violência obstétrica: racismo estrutural e patriarcalismo como fatores que invisibilizam o sofrimento de mulheres negras : Obstetric violence: structural racism and patriarchy as factors that make the suffering of black women invisible. Brazilian Journal of Health Review, v. 5, n. 4, p. 13313–13333, 28 jul. 2022.

GONÇALVES, M.; DE, V.; MORATO, A. Universidade . [s.l: s.n.]. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26926/1/Pr%C3%A1ticaEpisiotomiaDura nte.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2022.